

TRINDADE: DOCTRINA BÍBLICA OU DOGMA DE NICÉIA?

De acordo com Mateus 28:19 e 20, as igrejas locais deveriam admitir os novos membros conversos à jovem religião cristã batizando-os “em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. Cada um dos três Seres era indiscutivelmente central à crença e ao culto dos cristãos primitivos. Contudo, muitas discussões e desentendimentos entre os cristãos surgiram para estabelecer a maneira como deveríamos ver o relacionamento entre Pai, Filho e Espírito Santo.

A doutrina cristã sobre Deus surgiu a partir do primitivo pensamento judaico. O mundo judeu do primeiro século – do qual o cristianismo se desenvolveu – era fortemente monoteísta. Os judeus se destacam de outros grupos religiosos em grande medida por sua forte crença em um e apenas um Deus. As palavras de Dt 6:4 ecoavam diariamente na maioria dos lares judaicos. O judaísmo abarcava vários grupos de pensamento, incluindo os fariseus, saduceus, essênios e outros grupos espalhados pelo Mar Mediterrâneo, mas de modo geral essas diferentes correntes mantinham em comum crença monoteísta.

Em contraste, o mundo religioso greco-romano fervilhava com muitos deuses. À medida que o Império Romano se expandia, crescia o número de pessoas e de deuses que se agregavam à mistura religiosa. Entre os filósofos greco-romanos cresceu uma forte corrente monoteísta que reconhecia, em termos finais, um Deus que transcendia não apenas o mundo físico visível, como também qualquer deus pagão que se imaginava interagir com o mundo. No pensamento filosófico grego, a noção de um Deus único, acima de todos os outros deuses, retrocede pelo menos quatro séculos antes de Cristo. Nessa época, Platão escreveu a respeito de um Deus transcendente que criara o mundo por meio de um agente identificado como “demiurgo”. Aristóteles chamou esse “Deus acima de todos os demais” de “Inamovível Movedor”.

Na visão da filosofia helenística o Deus supremo estava acima da esfera humana, fora do alcance dos sentidos humanos. Uma das formas que o monoteísmo judaico se adaptou à visão helenística sobre a divindade foi pela introdução de agentes semelhantes ao demiurgo de Platão na história da Criação, protegendo assim a Deus de um envolvimento direto com a substância material.

Um preeminente judeu a sugerir que os agentes efetuaram a obra de Deus foi Filo de Alexandria (25 a.C. – 50 d.C.). Filo era um intelectual judeu que vivia na cidade egípcia de Alexandria à época de Jesus e Paulo. Na visão de Filo, qualquer descrição física do Deus na Torá era figurada. Dessa forma, protegeu o Deus transcendente de assumir atributos físicos. Além disso, retratou as interações de Deus com o mundo físico e perceptível aos sentidos como sendo efetuadas através de vários agentes, como Justiça, Sofia (Sabedoria) e, particularmente, o Logos (Palavra). Filo sugeriu que no primeiro dia da criação, Deus, a Mente Eterna, concebeu a ideia do mundo

TRINDADE: DOCTRINA BÍBLICA OU DOGMA DE NICÉIA?

inteiro e criou o Logos à imagem dessa ideia. Assim, o Logos foi um agente criador, ou demiurgo, aquele que criou o mundo visualizado pela mente do Deus transcendente.

Teófilo (~120 d.C. – 180 d.C.), por volta do ano 180 d.C., descreveu Deus e dois de Seus agentes, Sofia e Logos como sendo as duas mãos de Deus. Ademais, retratou o Logos como o agente de Deus que O representava quando Ele tinha necessidade de aparecer e agir no mundo físico. Disse Teófilo: “o Deus e Pai do universo não se acha confinado e nem presente em um lugar... Mas o Seu Logos, através do qual realizou todas as coisas, o qual é o Seu Poder e Sabedoria, assumindo o papel de Pai e Senhor do universo, achava-se presente no paraíso, no papel de Deus, e conversou com Adão... Desde que o Logo é Deus e deriva sua natureza de Deus, sempre que o Pai do universo deseja assim proceder, envia o Logos a algum lugar, onde ele pode estar presente e ser ouvido e visto” (Teófilo de Antioquia, *Ad Autolcum*, 2.22)

Os cristãos do segundo século exploravam várias formas de verem a Cristo, algumas das quais já aparecem nos escritos do Novo Testamento. O docetismo incluía ampla variedades de crenças, as quais viam a Cristo como apenas *parecendo* humano. O conceito básico deste ponto de vista incluía a crença de que Jesus era um ser humano totalmente separado de Cristo, que era um ser divino. Essa distinção permitia que a divindade fosse separada da humanidade, evitando-se assim a sua sujeição a aspectos humanos. Todavia, Paulo em 1Co 12:3 rebate a crença docética e 1Jo 4:1-3 rebate a negação de que Jesus veio em carne, e 1Jo 1:1-3 retrata a Jesus Cristo como eternamente com Deus o Pai e como um ser perceptível aos sentidos humanos, ou seja, como Deus e como humano.

Nos Evangelhos as pessoas à volta de Jesus muitas vezes O viam apenas como ser humano, não como Deus, em grande medida porque ele tinha aparência humana e agia como humano. Pouco tempo depois de Sua ascensão, contudo, surgiu a tentação oposta, e alguns cristãos começaram a ver a Cristo como Deus, negando que Ele verdadeiramente houvesse Se tornado ser humano. Assim, Jesus era humano ao passo que Cristo era divino. Esse problema lógico suscitado por este fato gerou controvérsia ao longo de séculos.

Muitas compreensões docéticas da pessoa de Cristo foram amplamente espalhadas no segundo século, das quais destacam-se os marcionistas e gnósticos. As crenças de Marcion (85 d.C. – 160 d.C.) fazia distinção entre Cristo e o Deus do Antigo Testamento, retratando este último como uma divindade justa mas incompetente, que atuara como Criador do mundo físico mau. Marcion sugeria que este Deus doador da lei, o Deus de crua justiça, que exigia “olho por olho e dente por dente”, era incapaz de oferecer amor ou graça ou salvação. Cristo, por outro lado, representava uma divindade muito mais elevada. Marcion retratava a Cristo como o Deus de amor

TRINDADE: DOCTRINA BÍBLICA OU DOGMA DE NICÉIA?

e graça, capaz de perdoar e oferecer a salvação. Marcion rejeitou o Antigo Testamento e considerou-o uma forma de Escritura inferior ao Novo Testamento.

Outra compreensão cristã de Jesus Cristo proveio de grupos gnósticos de dentro ou em torno do judaísmo e cristianismo. O gnosticismo era uma filosofia religiosa que acreditava num Deus último vivendo no mais elevado dos céus, e cujas emanções eram deuses menores vivendo em céus inferiores. Para os gnósticos, a escuridão espiritual enchia o mundo material, e apenas os que possuíam conhecimento especial poderiam ascender aos céus após a morte do corpo físico. Muitos gnósticos usavam as Escrituras como um código que continha conhecimento secreto em suas palavras, mas não em seu significado literal. As formas gnósticas de docetismo ensinavam que Cristo era uma dentre as muitas emanções de Deus que povoavam os reinos celestiais, e que Ele não Se encontrava no nível de Deus o Pai, que era transcendente.

Outra compreensão errônea de Cristo veio de Sabélio (? – 215 d.C.). Ele argumentou que, uma vez que existia somente um Deus retratado nas Escrituras sob três formas diferentes, então os três devem ser consecutivos. Em outras palavras, Sabélio sugeriu que o Pai, Filho e Espírito Santo era três modos diferentes do mesmo Deus em épocas diferentes. Segundo seu ponto de vista, Deus Se revelou como o Pai durante o velho concerto, como o Filho durante Sua vida na terra e como Espírito Santo o período da igreja, mas todos eram uma só pessoa. Esse conceito é identificado pelos teólogos como sabelianismo ou modalismo.

Orígenes (185 d.C. – 254 d.C.) foi o mais influente interprete individual da bíblia na história do cristianismo. Ele cresceu como cristão em Alexandria. Seus pais sofreram o martírio por causa do cristianismo e ele seguiu o exemplo dos pais quando ainda era adolescente. Levou uma vida disciplinada e considerou com seriedade as injunções literais das escrituras. Conta-se frequentemente a história, possivelmente verdadeira, de que quando era jovem, ao enfrentar as tentações sexuais, interpretou literalmente a declaração de Jesus contida em Mt 5:29. No tocante a discussão da divindade, Orígenes questionou: Como pode o Filho ser o mesmo que o Pai e ainda assim ser o mesmo que os humanos? A solução encontrada por ele foi utilizar interpretações literais das Escrituras, colocando o Filho numa posição intermediária, em que fazia lembrar o Pai em certos aspectos e os seres humanos em outros. Orígenes sugeriu que a conexão entre o Pai e o Filho era de participação. O Pai era o único Deus verdadeiro e o Filho era Deus através da participação na divindade do Pai. Para Orígenes o Filho não prosseguiria sendo Deus se não mantivesse contínua e incessante contemplação da profundidade do Pai. Ele afirmou ainda que o Pai e o Filho são coeternos, mas não da mesma natureza.

TRINDADE: DOCTRINA BÍBLICA OU DOGMA DE NICÉIA?

Ário (256 d.C. – 336 d.C.) nasceu na Líbia e foi presbítero da igreja em Alexandria depois da terrível perseguição romana aos cristãos sob o império de Diocleciano. A exemplo de Orígenes, Ário também colocou o Filho numa posição intermediária entre Deus o Pai. Mas, diferentemente de Orígenes, Ário foi muito mais explícito em seus comentários acerca da origem do Filho como ser criado. As bases do ensino ariano era a filosofia gnóstica cujo problema maior da existência humana residia no dualismo idealizado por Platão e aprofundado por correntes posteriores, que afirmava ser um pressuposto inquestionável acreditar que o espírito (naturalmente bom) e a matéria (naturalmente má) jamais coexistiam em sintonia. Se assim fosse, o primeiro seria contaminado pelo último. Portanto, o desafio era ajustar doutrinas judaico-cristãs a este universo de ideias que não admitia a matéria como criação direta de um Deus-Espírito, nem a encarnação deste como uma realidade tangível. Na visão gnóstica, se Deus houvesse encarnado sua divindade estava seriamente comprometida.

Alexandre (250 d.C. – 326 d.C.), bispo metropolitano eleito em Alexandria rebateu os argumentos de Ário e os pontos de vista opostos dos dois foram centrais no Concílio de Nicéia vários anos mais tarde, em 325 d.C., ao lado das ideias de outros como Eusébio de Cesareia, este amigo íntimo do imperador Constantino. O concílio reuniu mais de 300 bispos, ao lado dos seus respectivos presbíteros e atendentes. Ocorreu na cidade de Nicéia, próximo a Constantinopla, no que é hoje a Turquia. O concílio foi convocado pelo imperador Constantino cujo principal objetivo era manter a união da igreja cristã, para ajudar no equilíbrio do império.

Perante o concílio Ário declarou ousadamente que o Filho havia sido criado pelo Pai. Baseou seu ponto de vista em Hb 3:2, At 2:36 e Pv 8:22.

Ressalta-se que a discussão do Concílio de Nicéia não era a Trindade em primeiro lugar, mas sim a natureza de Cristo em relação ao Pai. Foi somente no credo de Atanásio, produzido posteriormente que o assunto “Trindade” apareceu de modo mais claro.

No entanto, o termo Trindade foi usado pela primeira vez em 212 d.C. por Tertuliano (160 d.C. – 220 d.C.), 113 anos do Concílio de Nicéia. Falando da igreja de Deus, ele menciona o Espírito “no qual está a Trindade de uma Divindade: Pai, Filho, e Espírito Santo” (*in quo est trinitas unius diuinitatis, Pater et Filius et Spiritus sanctus* – Tertuliano, Sobre a Modéstia, XXI).

Orígenes menciona que “o batismo de salvação não está completo a não ser [que seja exercido] pela autoridade da excelentíssima Trindade de todos eles que é constituída do Pai, Filho e do Espírito Santo. Assim, temos ajuntado o nome do Espírito Santo ao Deus eterno e ao seu único Filho” (Orígenes, Dos Princípios, I, 3,2).

TRINDADE: DOCTRINA BÍBLICA OU DOGMA DE NICÉIA?

Justino (100 d.C. – 165 d.C.), cognominado “o Martir”, foi outro que escreveu várias apologias em favor do cristianismo e contra a supremacia da filosofia grega. Num dos seus textos, concluído por volta de 160 d.C., ele diz “Já que somos considerados ateus, nós admitimos nosso ateísmo em relação a estes [vários] tipos de deuses [do politeísmo]. Mas, no que diz respeito ao verdadeiro Deus, o Pai da justiça e temperança..., ao Filho, ... e ao Espírito Profético, [saibam que] nós os adoramos e reverenciamos” (Justino, I Apologia, VI).

Atenágoras (133 d.C. – 190 d.C.), também respondendo à acusação de serem os cristãos chamados de ateus por não aceitarem o politeísmo pagão, escreveu em 175 d.C.: “Ora, quem não ficaria perplexo em ouvir chamar de ateus pessoas que pregam de Deus o Pai, de Deus o Filho e do Espírito Santo e que declaram serem um no poder, mas distintos na ordem?” Noutra passagem ele ainda diz: “Os cristãos reconhecem a Deus e a seu Logos. Eles também reconhecem o tipo de unicidade que o Filho tem com o Pai e que tipo de comunhão o Pai tem com o Filho. Ademais, eles sabem o que é o Espírito e que a unidade é [formada] desses três: O Espírito, o Filho e o Pai.” “Nós reconhecemos um Deus, um Filho e um Espírito Santo, os quais são unidos na essência.” (Atenágoras, Súplica pelos Cristãos, X, XI e XXIII).

Irineu de Lyon (130 d.C. – 220 d.C.) é outro importante autor deste período. Convertido na adolescência, ele foi discípulo de Policarpo que, por sua vez, foi discípulo do apóstolo João. Sua principal obra intitulada *Contra Heresias*, dispõe de cinco volumes e foi escrita por volta de 177 d.C. Respondendo as ideias gnósticas de seu tempo, ele toma o cuidado de diferenciar, por exemplo, o “fôlego [espírito] de vida” dados às criaturas em geral, do “Espírito Santo”, que é Deus habitando com o crente. Explicando ainda que Deus é diferente dos homens, Irineu fala da Palavra e da Sabedoria do Criador como sendo duas pessoas divinas unidas a uma terceira (o Pai) numa única divindade.

Hipólito (? - 235 d.C.), autor do mais antigo comentário de Daniel de que dispomos, disse que “a Terra é movida por este três: o Pai, o Filho e o Espírito Santo”. Noutra passagem, após citar a fórmula batismal em nome do Pai, do Filho e do Espírito, ele demonstra que já no seu tempo havia os que negavam esta doutrina, pois diz: “qualquer um que omitir um destes três, falha em glorificar a Deus de um modo perfeito. Pois é por meio desta Trindade (Triados) que o Pai é glorificado.

O concílio findou com a rejeição dos pontos de vista de Eusébio de Cesaréia e Ário, bem como foi formulado uma declaração sobre a Trindade que tendia a vindicar o ponto de vista de Alexandre de Alexandria. “Cremos em um Deus, o Pai Todo-Poderoso, Auto das coisas visíveis e invisíveis. E em um Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado pelo Pai, unigênito, ou seja, da

TRINDADE: DOUTRINA BÍBLICA OU DOGMA DE NICÉIA?

substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Verdadeiro Deus do Deus Verdadeiro, gerado e não criado, da mesma substância do Pai, através de quem todas as coisas vieram a existir, coisas no Céu e coisas na Terra, que em favor de nós homens e por nossa salvação desceu e encarnou, tornando-Se homem, sofreu e ressuscitou novamente no terceiro dia, ascendeu aos Céus e voltará para julgar os vivos e os mortos, e no Espírito Santo” (Peter Toon, *Yesterday, Today and Forever: Jesus Christ and the Holy Trinity in the Teachings of the Seven Ecumenical Councils*, pág. 20)

Segue-se a esta confissão os juízos emitidos em relação a alguns grupos heréticos:

“E a quantos dizem: ‘Ele era quando não era’ e ‘antes de nascer, Ele não era’ ou que ‘foi feito do não existente’, bem como a quantos alegam a ser o Filho de Deus ‘de outra substância ou essência’ ou ‘feito’ ou ‘mutável’ ou ‘alterável’ a todos estes a igreja católica e apostólica anatematiza”.